

## ARQUITETURA

## A cidade de cara nova

CONCEIÇÃO FREITAS

A arquitetura de Brasília não dá mais de comer à cultura universal - ela agora come as mesmas iguarias que o planeta produz com cimento, tijolo e suor. As novas cores que estão surgindo no miolo da capital federal, impressas em prédios monumentais, ferem olhos acostumados à paisagem infinita do planalto. Arquitetos de Brasília, Belo Horizonte e São Paulo disputam a atenção da cidade, e aos poucos substituem a terra vermelha dos lotes baldios pela impôncia multicolorida e informatizada.

Texto do urbanista Lúcio Costa, de 1959, dizia que o Brasil estava dando "um pouco de comer à cultura universal" referindo-se à arquitetura brasileira que se firmava com a construção da nova capital. Passados 34 anos, a cidade inverteu a rota e acompanha a última moda dos grandes centros de desenvolvimento mundial - "O Centro Empresarial Varig poderia estar em Paris, Nova Iorque", diz a arquiteta Regina Fittipaldi, responsável pelo projeto.

"Não entendo de arquitetura mas gosto de cor, gosto daquele prédio azul", diz o poeta Cassiano Nunes. O edifício vestido de azul do Setor Comercial Norte guarda um painel de Tomie Ohtake e recursos tecnológicos inéditos na arquitetura de Brasília. "Sempre viajo para ver o que está acontecendo no mundo. Não dá para manter a cidade nos anos 50/60", diz o arquiteto Cesar Barney.

**Taba** - Os monumentos de Oscar Niemeyer acompanham impassíveis a mais contundente incisão arquitetônica desde a inauguração da cidade. Dos quatro arquitetos encarregados da maioria das novas edificações, três renegam a existência de uma arquitetura brasileira - "Arquitetura brasileira é a taba", radicaliza Regina Fittipaldi. "Qual é a arquitetura brasileira? É a arquitetura do concreto no Brasil. A arquitetura hoje em dia é universal", reforça Cesar Barney.

O assunto mexe com os brios de Rui Ohtake, um dos mais consagrados arquitetos brasileiros. "Dizer que não existe arquitetura brasileira é o mesmo que dizer que não existe música popular brasileira". Ohtake é o autor do projeto do Brasília Shopping and Towers, que está sendo construído no início da W-3 Norte. O croqui feito à mão une duas retas a duas curvas, com uma circunferência no centro (ilustração ao lado).

A menos de duzentos metros outro monumento ao consumo, o Liberty Mall, da Encol, apresenta a outra face de arquitetura que está sendo projetada em Brasília. Cores e detalhes multiplicam-se na obra de Alberto Davila, um equatoriano há mais de 20 anos no Brasil, com escritório em Brasília, Belo Horizonte e uma equipe de 50 arquitetos. "O Brasil já influenciou a arquitetura no exterior, mas hoje a situação não é mais essa", diz Davila.

Quase todos os prédios com assinatura Alberto Davila têm quase todos um arco à entrada, para ele a reinterpretação de elementos do dia-a-dia. Alguns desses edifícios são menos rebuscados, como o Centro Empresarial Norte, atrás do Venâncio 2000, que se contentou com duas cores e uma vidraça negra coroadando o arco. "Toda produção brasileira é brasileira, e não só o que os nossos grandes mestres fazem", retruca Davila.

O time que defende a arquitetura brasileira têm entre os zagueiros o diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, professor Claudio Villar Queiroz, que durante anos trabalhou no escritório de Niemeyer. "A arquitetura brasileira é forte na elegância da simplicidade e na generosidade dos espaços", diz Queiroz. "Muito do que tem sido feito não é arquitetura, é construção ou decor".

A dama da arquitetura brasileira, Regina Fittipaldi, acha rígido o discurso acadêmico e pede respostas mais concretas à universidade. O diretor da Faculdade de Arquitetura convida os

arquitetos em exercício a voltar à academia e reavivar o debate sobre esse ofício ambivalente - ora é arte, ora é tecnologia, ora é funcionalidade e, muito melhor, ora são todos os juntos.

Ele reconhece que a universidade está em débito com a sociedade mas lembra que a instituição foi uma das mais atingidas pelo longo período de ausência de liberdade. Os arquitetos afixados perderam o fio condutor da história e têm que responder mais ao mercado que à arquitetura. Por isso, "é preciso perdoar um pouco os arquitetos".

**Rosa-choque** - Por falta de cores Brasília não vai chorar e nenhum visitante poderá chamar essa cidade de monótona, insípida, fria. O Centro Empresarial Varig é branco e preto, o Centro Empresarial Brasília é cor de tijolo, o Number One é azul, o Liberty Mall usa tons pastéis mas escorrega numa faixa rosa-choque. "Você já pensou se a papoula fosse bege e se o miolo da margarida fosse gelo?", pergunta Regina.

O rigoroso Rui Ohtake tem pelo menos dois testes para separar a arquitetura brasileira das demais: 1. Se as linhas mestras resistirem a uma foto em preto-e-branco, a obra tem firmeza. 2. Se os detalhes do projeto sobreviverem a uma escala bastante reduzida (quando o tamanho natural da obra é diminuído ao limite máximo para que o projeto possa ser representado no papel), idem.

A divisão de águas entre Ohtake e os arquitetos da universalidade é ainda mais nítida no trato com o Código de Posturas. "Brasília está amarrada pelo Código", acusa Cesar Barney. "Quando comecei a trabalhar aqui não era permitido fazer varandas. Lutei, lutei e finalmente aceitaram as varandas", lembra Barney.

"Uma vez eu ouvi um hóspede de hotel dizer que Brasília é refretária ao turista", lembra Regina Fittipaldi. O turista reclamava que os hotéis ficavam isolados num setor e que assim dificilmente era possível conhecer os habitantes da cidade. "Por essas e outras, Regina gostaria que Brasília revisse essa setorização tão rígida. Ela denuncia a relativa obediência ao tombamento da cidade: "Dependendo do interesse..."

**Punhal** - "Só o pessoal medíocre reclama dessas coisas", apunhala Ohtake, sem saber quem poderia ser atingido. "Quem faz coisa boa faz coisa boa dentro da legislação. Não precisa romper o gabarito. Ele não atrapalha em nada. Eu entendo a proposta urbana de Lúcio Costa". O filho de dona Tomie Ohtake não é contra as demais tendências arquitetônicas, assim como a MPB não é contra o rock. "Só que eu gosto da arquitetura brasileira".

Para quem ainda acredita que a arquitetura brasileira ficou restrita aos anos 50 e 60, Ohtake cita o Banespa de Goiânia, a Embaixada do Brasil em Tóquio e o Museu de Arte Moderna de Niterói como dignos representantes do cardápio que o Brasil ainda pode oferecer à cultura universal.



Evandro Matheus



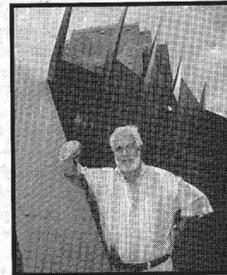
"Já pensou se a papoula fosse bege e se o miolo da margarida fosse gelo?"

Regina Fittipaldi

"Qual é a arquitetura brasileira? É a do concreto no Brasil. A arquitetura hoje em dia é universal."

César Barney

Roberto Castro

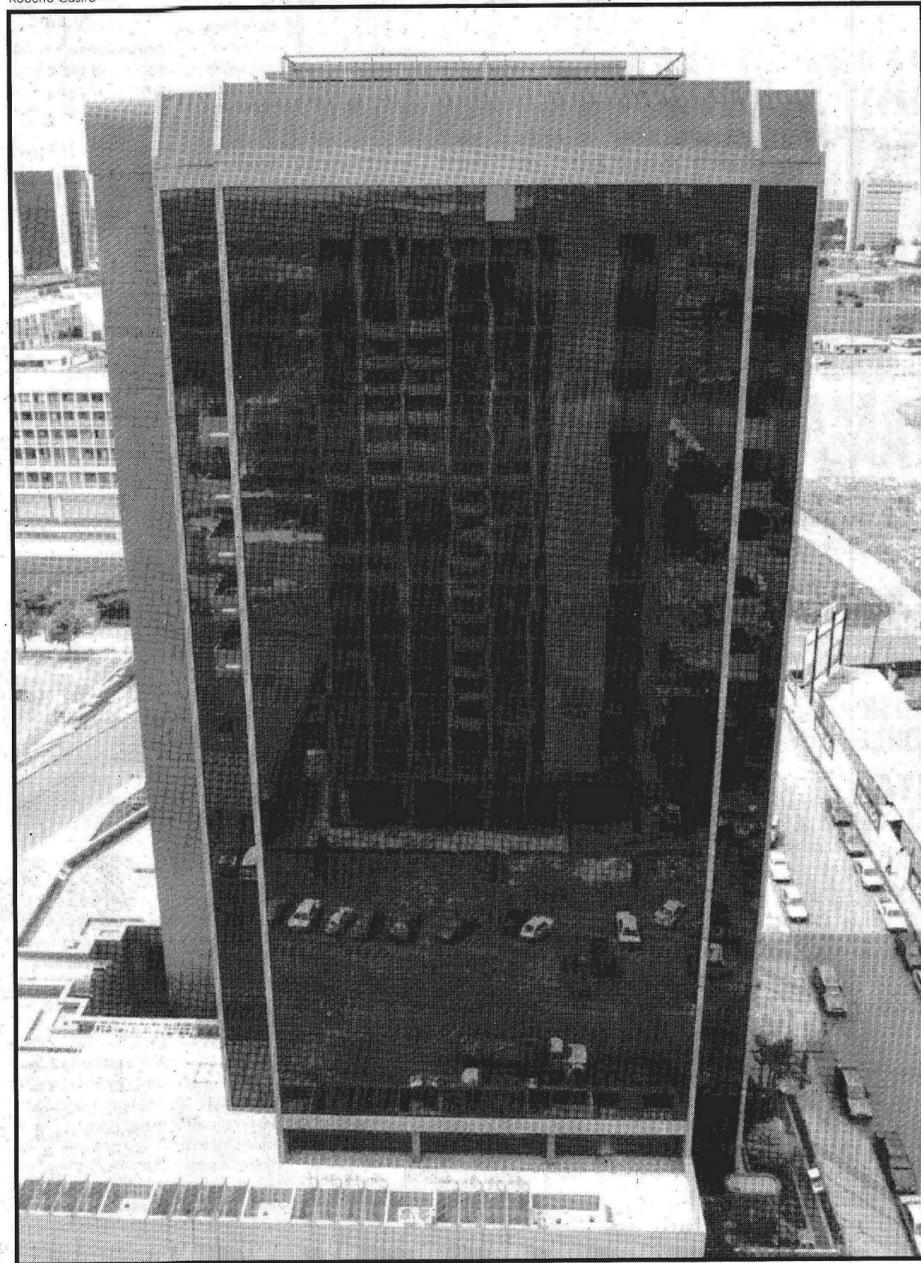


Divulgação/Dalmi



O Centro Empresarial Varig (acima) poderia estar em Paris ou Nova Iorque, enquanto o Liberty Mall "escorrega" na faixa rosa

Roberto Castro



O azul do Number One, no Setor Comercial Norte, agrada ao poeta Cassiano Nunes

## Economia e segurança hi-tech

"Sexto andar" avisa inexplicavelmente a voz metálica de mulher no elevador do Centro Empresarial Brasília, o prédio cor de tijolo em frente ao Parque da Cidade. É uma das invenções tecnológicas pelas quais escabelam-se as construtoras.

"Sobe", insiste a voz, prestando ao passageiro uma observação absolutamente inútil. Até segunda ordem o painel e as setas luminosas têm executado seus serviços com eficiência e sem prestar-se ao ridículo.

A corrida tecnológica que mobiliza empresários e arquitetos não é apenas caricatura. Há inovações criadas para racionalizar gastos de energia elétrica e dar mais segurança a quem trabalha nos prédios.

A mais vistosa dessas novidades é o vidro laminado, importado, que recobre o Number One e o Centro Empresarial Varig. O vidro foi feito na medida para climas tropicais por sua capacidade de absorver a insolação e diminuir o uso do ar condicionado.

**Afoiação** - Os dois edifícios inteligentes têm cartão magnético para controlar a entrada, escadas pressurizadas que oferecem oxigênio em caso de incêndio, e sensores instalados em todo o prédio detetam focos de incêndio.

A iluminação e o ar condicionado funcionam na medida certa para a exigência da claridade e do calor. À medida que escurece ou esquenta os aparelhos aumentam a intensidade da ação.

Para o professor Cláudio Queiroz, é preciso ter cuidado com a afoiação tecnológica: "Prédios inteligentes são os que respondam bem às necessidades funcionais, de demanda social e estética".